

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS FACULDADE DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO

BÁRBARA MARTINS OLIVEIRA

ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

BÁRBARA MARTINS OLIVEIRA

ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à

Faculdade de Ciências da Educação (Faced) do Instituto
de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e

Sudeste do Pará (Unifesspa), Campus de Marabá, como
como requisito para obtenção do grau de Licenciada

Plena em Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Hildete

Pereira dos Anjos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares

O48a Oliveira, Bárbara Martins

Acesso e permanência de pessoas com deficiência na escola / Bárbara Martins Oliveira. — 2022.

42 f.

Orientador (a): Hildete Pereira dos Anjos.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, Campus Universitário de Marabá, Instituto de Ciências Humanas, Faculdade de Ciências da Educação, Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, Marabá, 2022.

1. Inclusão escolar. 2. Educação especial. 3. Ensino — Meios auxiliares. 4. Aprendizagem. 5. Educação inclusiva. 6. Pessoas com deficiência - Educação. I. Anjos, Hildete Pereira dos, orient. II. Título.

CDD: 22. ed.: 371.9046

BÁRBARA MARTINS OLIVEIRA

ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado à Faculdade de Ciências da Educação (FACED)do Instituto de Ciências Humanas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Campus de Marabá, como como requisito para obtenção do grau de Licenciada Plena em Pedagogia. Orientadora: Profa. Dra. Hildete Pereira dos Anjos.

Data da aprovação: 28 de junho de 2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. a Dra. Hildete Pereira dos Anjos (Orientadora) – FACED/ICH/UNIFESSPA

Prof. a Dra. Lucélia Cardoso Cavalcante Rabelo – FACED/ICH/UNIFESSPA Profa.

Ms. Mirian Rosa Pereira – UEPA Campus Marabá (Externo)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me deu sabedoria, me guiou durante essa jornada e está comigo todos os dias da minha vida.

Aos meus pais: Odilson e Claudiones, por todo o apoio, incentivo, motivação e oportunidades durante todo o curso.

Ao meu avô Cláudio por todo o apoio, a minha avó Dionece (em memória), pela presença marcante em minha vida, e por saber que estaria muito feliz por mim, por essa conquista.

Ao meu companheiro Vinicius, por todo apoio e incentivo.

A minha amiga Rosamires, por todo o apoio nessa caminhada que cumprimos juntas.

A professora Hildete, pela paciência e compreensão quando esteve me orientando.

Enfim, a toda minha família e professores.

Agradeço a todos vocês!!!

RESUMO

A presente pesquisa apresentou como objetivo conhecer o processo de acesso e permanência de

pessoas com deficiência no ensino regular. Participaram uma diretora, uma professora do AEE,

e uma professora de uma escola pública. O trabalho foi desenvolvimento em uma escola da rede

pública de Marabá que possui sala de recursos e alunos com deficiência matriculados na rede

de ensino regular. Utilizou-se um roteiro de entrevista na coleta de dados. Os resultados da

pesquisa revelaram que o processo de acesso e permanência de alunos com necessidades

educacionais especiais ainda não está consolidado na escola investigada devido à escassez de

recursos materiais e pessoas qualificadas. Segundo as colaboradoras que participaram da

pesquisa, as políticas de inclusão não são trabalhadas sempre e precisam ser sistematizadas pelas

instituições e pela sociedade para que possam garantir os direitos dos alunos com deficiência.

A pesquisa revelou que a adaptação dos alunos com deficiência depende em grande parte das

adaptações do espaço escolar, dos recursos materiais, didáticos, e da comunidade escolar. As

entrevistadas ressaltaram, ainda, que são indispensáveis alterações no planejamento, nas

atividades e formas de avaliação além da adoção de métodos para facilitarem a compreensão

dos conteúdos os dados permitem concluir que apesar dos desafios, o acesso na escola

pesquisada abriu a percepção de todos para o valor e importância da diversidade como fonte de

desenvolvimento mútuo e respeito às diferenças.

Palavras-Chave: Acesso. Permanência. Inclusão. Ensino Regular.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AEE - Atendimento Educacional Especializado

CID – Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde

FACED – Faculdade de Ciências da Educação

TDAH – Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade

TEA – Transtorno do Espectro Autista

UNIFESSPA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

IN	TRODUÇÃO	9
1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	12
2	METODOLOGIA	19
3	CONCEPÇÕES DA DOCENCIA E GESTÃO ESCOLAR	21
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	30
RI	EFERÊNCIAS	33
Al	PÊNDICES	36
	ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O CORPO DOCENTE	36
	ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A GESTÃO	38
Al	NEXOS	39

INTRODUÇÃO

Ao iniciar o curso de Pedagogia, logo no primeiro semestre tivemos um estágio obrigatório de observação em uma escola de ensino fundamental, durante esse primeiro contar com a escola eu tive a minha primeira experiência com a educação especial. Durante esse período do estágio que foi em grupo, nós tivemos vivências em todos os ambientes da escola, e eu fui para a sala de AEE, a princípio eu só conhecia essa sala na teoria, quando eu passei a frequentar e observar o trabalho desenvolvido pelas professoras da educação especial eu senti uma imensa vontade de trabalhar com esses alunos, pois além de dá uma atenção individualizada para essas crianças, ainda auxilia na inclusão desses alunos na sala de ensino comum.

A inclusão de alunos com deficiência nas salas de aula, é um desafio a ser vencido tanto pela escola, como também pela sociedade, uma vez que o objeto da escola é uma educação para todos. Além disso, estimula a convivência e traz benefícios para todos os envolvidos, muito além do que apenas para alunos inclusos. A ideia de educação inclusiva se dá por alguns aspectos como, integração na sociedade, compartilhar o mesmo espaço físico, participação de todos nas aulas, adaptações no ensino e o direito a educação (SANTANA, 2005).

Já no ano de 2020 eu tomei a decisão de fazer estágio em uma escola acompanhando um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), esse aluno tinha um autismo severo, apesar de sua comunicação verbal ser bem limitado ele se relacionava muito bem com outras crianças, porém seu desenvolvimento educacional em sala de aula era muito limitado. Com isso o meu interesse pela educação especial foi crescendo cada vez mais.

Nessa mesma escola eu tive contato com outras crianças também com TEA, e pude perceber como cada um tinham suas particularidades, oralidades e desenvolvimentos cognitivos muito únicos de cada um. Também trabalhei com alunos com paralisia infantil, Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e epilepsia, e era notória a força de vontade de desenvolvimento desses alunos.

Diante disso observa-se a inclusão dessas crianças com deficiência nas aulas e eu passei a observar como para alguns professores era difícil incluir esses alunos, pois o aspecto da universalização e uniformização pedagógica tem impossibilitado o trabalho do professor no contexto individual e o convívio com as diferenças.

Diante de toda essa dificuldade de incluir, prejudicava-se a permanência desse aluno em sala de aula, pois muitas vezes o aluno não tem um acompanhamento individual e isso dificulta seu desenvolvimento, pois pude presenciar muitas vezes pais com relutância em levar os filhos até a escola por eles não terem um profissional para lhes auxiliar em sala de aula.

As vivencias presentadas ressaltam a importância de observar como ocorre o processo de acesso e permanência de educando com necessidades especiais, visto que o ensino de alunos com deficiência requer um preparo tanto na questão da formação dos educadores quanto na questão estrutural da escola, além de outros fatores sociais.

O objetivo geral da pesquisa é analisar na escola, o processo de acesso e permanência de alunos com deficiência no ensino comum, sendo que o desenvolvimento do objetivo geral se dá por meio dos seguintes objetivos específicos: a) Analisar a pertinência da formação dos envolvidos (professoras, direção) para a atuação nos processos inclusivos; b) Analisar a avaliação dos envolvidos sobre as estratégias de acesso da criança com deficiência à escola; c) Analisar a avaliação dos envolvidos sobre as estratégias de permanência da criança com deficiência na escola (isso inclui ações, recursos, improvisos...); d) Relacionar as mudanças indicadas pelos envolvidos com as estratégias existentes e as prescrições legais.

Este trabalho priorizou um estudo exploratório procurando entender práticas inclusivas na escola, considerando ser uma escola que recebe alunos com deficiência, formação de professores, visão das práticas pedagógicas dos professores e as peculiaridades do ensino de cada um, além de considerar os desafios e possibilidades dos professores ao trabalhar com alunos com deficiência.

No capitulo teórico, trouxe alguns autores que retratam sobre o acesso e permanência dessas pessoas no ensino comum e leis que garantem uma educação de qualidade para todas as pessoas.

Em seguida eu trago as entrevistas que realizei com três funcionárias da escola que eu escolhi fazer a pesquisa, eu fiz a elaboração de dois questionários para entrevista-las. Nas considerações finais eu trago os resultados da presente pesquisa.

1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O tema inclusão passou por diversas transformações a seu conceito, atravessando diferentes culturas e diferentes sociedades até chegar a atual compreensão que vem embasando políticas públicas e despertando interesse dos movimentos sociais que buscam equidade de acesso e oportunidade para todos e todas. Jesus (2004, p.38) afirma que "inclusão significa um avanço educacional, com importantes repercussões políticas e sociais visto que não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais".

Partindo do princípio que a educação inclusiva é um trabalho social e pedagógico, são considerados como público alvo deste ensino pessoas com deficiências, transtornos globais do desenvolvimento e com altas habilidades ou superdotação, ou seja, educandos que possuem limitações ou ausências cognitivas e podem estar inseridos na rede regular de ensino, como qualquer outro aluno.

Com base em Fernandes (2007, p. 45) a inclusão é um "movimento ligado à valorização de TODAS as pessoas independente de suas diferenças individuais, inclusive àquelas com deficiências".

Chama-se atenção para o fato de que incluir precisa partir de um processo educacional, o qual visa equiparar, interagir e socializar as pessoas com deficiência, de maneira que todos aprendam juntos.

Para Guerbert (2010), incluir trata-se de adequar os espaços para atender os educandos, e integrar é inserir o estudante especializado no âmbito escolar, sem objetivo algum, não havendo readequação e reestruturação de acesso para aqueles que possuem limitações ou dificuldade de se locomover, como também recursos para os atender.

A autora Fernandes (2007, p. 45) define que a educação inclusiva é "um movimento que compreende a educação como um direito humano fundamental e a base para uma sociedade mais justa [...]". Um mundo no qual se permita que todos possam conviver e socializar em qualquer contexto/ambiente.

Podemos encontrar textos que ainda conservam o termo portador de deficiência, porém, este termo foi comutado por pessoa com deficiência tendo em vista que ninguém pode portar uma deficiência, portar implica a qualquer momento se desfazer do porte, logo, ninguém porta uma deficiência. Ainda sobre o processo de inclusão, Rodrigues (2012, p.08) afirma que:

A inclusão é o processo de inserção de pessoas com deficiência no âmbito social e educacional. O alicerce para essa integração é a escola, as políticas públicas garantem essa implantação baseada em Leis que lutam pela igualdade e pelo direito à educação para todos. A LDB/96 assegura esse direito às pessoas com necessidades educacionais especiais, exigindo adequação de currículos, métodos, técnicas e recursos para atender as 5 Atualmente, o termo utilizado é pessoa com deficiência. Especificidades, porém,

a realidade de hoje demonstra que as instituições de ensino não estão preparadas e nem estruturadas para receber a nova demanda.

As pessoas/estudantes com deficiência conquistaram a garantia dos seus direitos, mas por muito tempo, eles foram desprovidos dessa realidade, conforme Direito á Educação:

Os indivíduos com deficiências, vistos como "doentes" e incapazes, sempre estiveram em situação de maior desvantagem, ocupando, no imaginário coletivo, a posição de alvos da caridade popular e da assistência social, e não de sujeitos de direitos sociais, entre os quais se inclui o direito à educação. Ainda hoje, constata-se a dificuldade de aceitação do diferente no seio familiar e social, principalmente do portador de deficiências múltiplas e graves, que na escolarização apresenta dificuldades acentuadas de aprendizagem.

É preciso pensar a escola como espaço pedagógico e inclusivo voltado para atender alunos em seu desenvolvimento pleno, incluindo os alunos com necessidades educacionais específicas, respeitando as particularidades de cada uma.

No decorrer dos anos, a formas de aprendizagem foram sofrendo transformações, e com a educação inclusiva não foi diferente. Com o passar dos anos essas crianças foram tendo cada vez mais acesso a escola, e mais direitos de uma educação inclusiva de forma particular, e segundo Tannús-Valadão, (2018, p. 03)

(...) a Educação Especial, iniciada muitos séculos depois, lança mão da individualização de ensino para educar crianças e jovens PAEE. As primeiras iniciativas de Itard, por exemplo, para educar Vitor, o selvagem, datam do final do século XVI e começo do século XVII. Jean Itard defendia uma pedagogia para todos, baseada na observação e experimentação, método que permitia a percepção do desenvolvimento de cada aluno e de suas diferenças.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/96 estabelece que a educação é um direito de todos e dever do Estado, e a Educação Inclusiva ganhou destaque no capítulo V, no artigo 58, que entende como Educação especial a modalidade de educação escolar oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação. No ensino comum, a lei compreende que pessoas com transtornos do desenvolvimento também são capazes de aprender, e por isso devem estar inseridas no espaço escolar. Mas esse processo é delicado e cuidadoso, e necessita de atenção especial dos responsáveis por esta demanda social. Dessa forma, Bueno afirma que:

Não se pode deixar de considerar que a perspectiva de inclusão exige, por um lado, modificações profundas nos sistemas de ensino; que estas modificações [...] demandam ousadia, por um lado e prudência por outro; - que uma política efetiva de educação inclusiva deve ser gradativa, contínua, sistemática e planejada, na perspectiva de oferecer às crianças deficientes educação de qualidade; e que a gradatividade e a prudência não podem servir para o adiamento "ad aeternum" para a inclusão [...] mas [...] devem servir de base para a superação de toda e qualquer dificuldade que se interponha à construção de uma escola única e democrática. (BUENO, 2001, p. 27).

No ano de 2007, é lançado a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva – MEC 2008, um documento que integra os marcos históricos e normativos da educação especial. As leis são elaboradas para garantir a educação e a cidadania, assim, para que todos os cidadãos tenham um ensino de qualidade, e as pessoas com deficiência o atendimento educacional especializado, que lhe é de direito.

Mudanças essas que vão desde a ampliação arquitetônica, atitudinal e conceitual para as crianças com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades/superdotação nos contextos escolares, até a implantação de políticas públicas que visam à construção de práticas que permitam a efetiva participação desses alunos nos processos de ensino e de aprendizagem. (DECHICHI, 2011, p.7).

Essa ação deve garantir os direitos de cada indivíduo na sociedade, reconhecendo suas potencialidades, diferenças e direitos. De acordo com Mantoan (2006 *apud* STRIEDER, 2013, p. 33) "o ato de inclusão vai muito além do simplesmente colocar o diferente dentro da escola normal, implica torná-lo parte do processo de aprendizagem, porque reconhecido em suas diferentes formas de aprender". O processo de inclusão deve abranger um todo, não recusando a ninguém a sua prática. Pois, quando falamos em inclusão na escola não devemos pensar somente no aluno com deficiência, mas sim, em um trabalho onde todos estejam envolvidos no processo, ou seja, inclusão é pensar no todo.

Carvalho (2008) relata que quando falamos em educação inclusiva, logo vem à mente um pressuposto, que o professor é fundamental no sucesso ou fracasso do aluno com deficiência. Sabemos que para construir uma escola inclusiva, é preciso que haja o envolvimento de todos na escola, direção, professores, funcionários, alunos e família, agindo em um papel conjunto em que todos participem do processo educacional.

Há mudança de modelos quanto ao processo de acesso de pessoas com deficiência à educação no Brasil, depois do século XX, tendo em vista que o sistema educacional brasileiro ignorava as pessoas com transtornos do desenvolvimento, pois circulava a compreensão de que estas pessoas estariam adoecidas e estariam incapacitadas de ser inseridas nos sistemas de ensino.

De acordo com Lima (2010), a exclusão, que aos olhos de hoje tanto revolta, não era encarada como discriminação e/ou exclusão, portanto, esse tipo de prática era socialmente aceito e abertamente admitido naquele contexto social. Sobre a educação especial, por muito tempo não se tinha uma visão clara e científica para se caracterizar a educação inclusiva. A esta era atribuída uma questão religiosa ou cultista através da fé que se apoiava. Segundo Mazzotta (2005, p. 16):

Não havendo base científica para o desenvolvimento de noções realistas, o conceito de diferenças individuais não era compreendido ou avaliado. As noções de democracia

e igualdade eram ainda meras, centelhas na imaginação de alguns indivíduos criadores.

A prática da inclusão aconteceu através da necessidade de inserir e garantir as pessoas com deficiência o direto a educação e sua inserção necessitou de um olhar especializado através de políticas educacionais inclusivas. Segundo Mazzotta (2005, p.15)

A defesa da cidadania e do direito à educação das pessoas com deficiência é atitude muito recente em nossa sociedade. Manifestando-se através de medidas isoladas, de indivíduos ou grupos, a conquista e o reconhecimento de alguns direitos dos portadores de deficiência podem ser identificados como elementos integrantes de políticas sociais, a partir de meados deste século.

Compreendendo todas essas trajetórias, é válido se estudar o caminho percorrido pelo sistema de ensino para ser verdadeiramente inclusivo, ainda há muito trabalho a ser feito. É válido levar em consideração principalmente as recomendações para inclusão de alunos com deficiência propostas pelos alunos e familiares, para a consolidação de um sistema educacional inclusivo, torna-se fundamental o acesso e permanência mediante um ensino de qualidade.

Segundo Carneiro (2007) a Educação Especial precisa garantir a todos os alunos deficientes acesso à escola, removendo os obstáculos que impeçam a frequência e garantia de avançarem em seus estudos no ambiente escolar. Segundo o autor deste modo a educação especial começa a ser entendida como "uma modalidade que perpassa como complemento ou suplemento, todas as etapas e níveis de ensino".

(CARNEIRO, 2007, p. 64) Nesse sentido "olhar para essas condições é absolutamente necessário se quisermos ampliar a participação do deficiente no mundo onde várias esferas do simbólico convivem interligadas e interdependentes". (PADILHA, 2005, p. 115). [...] antes de mais nada, definir-se quanto a sua concepção de sujeito, de mundo, também sobre sociedade, sobre deficiência e eficiência, desenvolvimento e aprendizagem para poder compreender mais e melhor sobre suas características e peculiaridades". (Padilha, 2005, p. 108). "Deste modo a educação inclusiva é uma educação que vai além da escola, se fundamenta em "apoios e suportes, de trabalhos em equipes e de toda uma gama de mudanças institucionais que vão além da organização didática. (CARNEIRO, 2007, p. 67).

Com o avanço da ciência e da educação, isso vem sendo reforçado cada vez mais, que o planejamento deve ser feito de forma individualizado. Ainda segundo Tannús-Valadão:

(...) Educação Especial mudou ao longo dos anos e, embora isso tivesse acontecido de modo não linear, pode-se identificar basicamente três fases em sua história, a começar pela fase da exclusão do seu público de qualquer tipo de escolarização, passando pela fase da segregação escolar, em que esse público começou a frequentar instituições com objetivos educacionais pedagógicos, ou não, mas num sistema paralelo em relação à educação geral, e, por fim, chegando à última fase de inclusão escolar, que é a escolarização do seu público-alvo no mesmo sistema de ensino dos demais alunos (Mendes, 2010). (...). Na fase da segregação, o planejamento era centrado na instituição e tinha como objetivo específico alterar ou amenizar o déficit causado pela deficiência do estudante. Nesse sentido, os programas e serviços envolviam

segregação, os alunos eram agrupados por deficiência, e seus planos eram similares ou padronizados para todas as pessoas de uma mesma instituição. (TANNÚSVALADÃO, 2018, p.04).

É importante que os alunos com deficiência tenham um plano de ensino individualizado, pois sem ele as atividades não seriam suficientes para atender às necessidades e dificuldades dos alunos e, portanto, não seriam capazes desenvolver a aprendizagem desses alunos. Também é importante registrar a evolução desses alunos, incluindo seus objetivos de aprendizagem de curto, médio e longo prazo, e o que o próprio professor conseguiu observar desse aluno, que é a melhor forma de reter o que ele aprendeu e quais atividades o aluno está mais engajado, esse registro é importante pois para cada etapa de sua trajetória escolar outro professor terá acesso a todos os registros para planejar atividades futuras.

Os educadores precisam estar em constante formação, a fim de buscar práticas que atendam às necessidades de cada um, garantindo acesso e permanência na escola, pois o professor que tem em sua sala um aluno com deficiência intelectual ou outra deficiência precisa planejar suas aulas onde todos estejam incluídos, pois o aluno com deficiência não é apenas responsabilidade do segundo professor, mas de todos. Padilha (2005, p.108) aponta que:

A baixa expectativa que se tem da aprendizagem dos deficientes [...] diminui também o empenho da escola na utilização de recursos especiais para que aconteça o desenvolvimento das esferas do simbólico, ficando insistentemente presas ás atividades práticas.

Segundo Mantoan (2004, p. 79) "ensinar, realmente não é uma tarefa simples, exige novos conhecimentos, e que muitas vezes contradizem o que lhes foi ensinado e o que utilizam em suas práticas". Porém a formação deve lhe permitir uma visão mais ampla, novos conhecimentos, que o qualifiquem para as suas práticas, sendo possível atender a diversidade.

Essas particularidades sendo atendidas, facilita a permanência das crianças no ensino regular. Com o passar dos anos e as mudanças no sistema educacional, o acesso tornou-se mais fácil para todos, porém, permanecer na escola e tendo um desenvolvimento significativo, é o grande desafio da educação inclusiva. O acesso é garantido por lei, mas para que haja a permanência diante a uma qualidade de ensino e aprendizagem torna-se fundamental na efetivação da inclusão de alunos com deficiência.

Muitos alunos que estão incluídas no ensino regular geralmente tem o acompanhamento de um professor auxiliar, que ajuda na aplicação de atividades adaptadas, todavia, esse auxiliar não é autorizado a elaborar as atividades, essa função é do professor regente, na prática muitas vezes isso acaba não acontecendo. Por isso muitas vezes a ideia do plano de ensino individualizado acaba não sendo desenvolvido.

Quanto mais cedo se dá o ingresso do estudante, melhor será o desenvolvimento de suas capacidades e habilidades cognitivas, afetivas e sociais. Deve-se garantir que, na instituição que

este estiver matriculado, o aluno poderá contar com o serviço de atendimento especializado a pessoas com necessidades educativas especiais.

A instituição educacional que assume a modalidade de ensino do processo inclusivo, ou seja, a educação especial promove uma série de levantamentos frente a preocupações ou dilemas para a equipe pedagógica e corpo docente, pois tal desconhecimento do assunto afeta na capacidade pedagógica dos professores, influi na criação de espaços e ambientes que devem ser acessíveis aos educandos e ainda se remete no bem-estar da criança que passará o dia inteiro na instituição.

Para Carvalho (2007, p. 19) a educação especial é:

[...] o conjunto de recursos que todas as escolas devem organizar e disponibilizar para remover barreiras para a aprendizagem de alunos que, por características biopsicossociais, necessitam de apoio diferenciado daqueles que estão disponíveis na via comum da educação escolar.

A ligação da família com a escola potencializa o processo de ensino e aprendizagem do educando, na etapa educacional. A escola complementa as ações da família e vice-versa. Para entrelaçar estas instituições primordiais na vida humana, é importante abordar como ocorre esta parceria na vivência de educandos com necessidades especiais inseridos na rede de ensino, considerando as contribuições presentes desta relação família-escola, vinculando-o com o processo educacional destas crianças.

Fernandes (2007, p. 37) aponta também que são necessárias mudanças estruturais que envolvem a remoção de barreiras físicas e materiais e a organização de suportes humanos e instrumentais, para que todos possam ter a participação social em igualdade de oportunidades e condições. Uma vez que este trabalho visa à formação humana do indivíduo e a busca de um lugar na sociedade é preciso o apoio e o suporte de ambas as instituições responsáveis pela criança: a família e a sscola.

Szymanski (2010, p.22) diz que "É na família que a criança encontra os primeiros "outros" e, por meio deles, aprende os modos humanos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a construir-se como sujeito". Para a autora a relação família-escola trata-se de uma parceria entre a escola e pais e/ou familiares dos educandos, conceituando-as ambas responsáveis pela aprendizagem do aluno. A família, nesta perspectiva, é uma das instituições responsáveis pelo processo de socialização realizado mediante práticas exercidas por aqueles que têm o papel transmissor – os pais – e desenvolvidas junto aos que são os receptores – os filhos. (SZYMANSKI, 2010, p. 20). E a escola é uma instituição de ensino que, segundo Szymanski (2010, p. 99) tem como "obrigação de ensinar (bem) conteúdo específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações".

Os pais têm matriculado ou tentado o ingresso dos seus filhos em escolas regulares, mas, a questão principal é que a maioria dos professores e escolas se julgam despreparados para esta proposta, e as crianças são agrupadas nas instituições permanecendo ainda segregadas dentro de salas de aula comuns sem o devido atendimento para o seu desenvolvimento social, cognitivo e comunicacional. Dessa forma, para que a inclusão obtenha sucesso, é necessário um planejamento com objetivos específicos, direcionados para o trabalho com a diversidade.

É preciso investimento, planejamento, integração para conseguir aprendizagens de fato significativas e não tecnicistas, que não caracterize uma perspectiva onde o indivíduo precisa ser treinado para indicar um possível avanço.

Incluir e adaptar o aluno com deficiência na sala comum, foi e ainda é um desafio cheio de lacunas a serem preenchidas, já avançou muito no decorrer dos anos, a uns anos atrás não era "comum" pessoas com deficiência frequentando a escola, muitas vezes não ingressavam por preconceitos por parte da escola e da própria família por achar que aqueles indivíduos não estavam aptos a frequentar a sala de aula comum.

Contudo, esses questionamentos são sem dúvida de extrema importância para o avanço do processo de acesso e permanência do aluno na escola, e entendemos que os professores têm um grande papel nesse processo, ao passo que poderão oferecer contribuições para a compreensão das relações complexas e conflitantes envolvendo o processo de inclusão e buscar melhores condições de trabalho e desenvolvimento aos sujeitos envolvidos, como professores, alunos, gestão, entre outros. Cabe à educação especial enquanto área de conhecimento científico, aprofundar o conhecimento sobre a temática da inclusão escolar, e ainda, investigar como prover a melhor educação possível para as crianças e jovens indicados à educação especial. Nessa direção, consideramos a necessidade de evidenciar alguns aspectos que circunscrevem social e culturalmente o objeto de nossa reflexão nesse trabalho, pois as crianças possuem uma condição de estar no mundo. Crianças como público-alvo da educação especial e o primeiro traço cultural relevante para esses sujeitos, especialmente porque nos movemos, aqui, no contexto da escolarização, é sua condição histórica de excluídos da escola.

2 METODOLOGIA

Segundo Andrade (2003, p. 129) "metodologia é o conjunto de métodos ou caminhos que são percorridos na busca do conhecimento". Portanto, a presente pesquisa pode ser classificada, segundo seus objetivos, como exploratória e descritiva. Exploratória porque buscou o respaldo teórico relativo ao tema, por meio de autores que desenvolveram estudos nas áreas de interesse, buscando-se aumentar a compreensão da autora e dos futuros leitores sobre o tema proposto. A pesquisa descritiva teve como principal foco descrever uma realidade.

De acordo com Gil (2010) a pesquisa exploratória investiga a proximidade com o problema, tornando-o mais claro e contribuindo para sua compreensão, enquanto a pesquisa descritiva tem como objetivo principal a descrição das características de determinada população ou fenômeno.

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede pública municipal, localizada no município de Marabá-PA. A escola participante oferece o Ensino Fundamental de 1° e 2° ciclos. A pesquisa foi realizada com crianças do 1° ciclo.

No ensino fundamental do primeiro ciclo, a escola possui 3 turmas de 1º ano, duas turmas de 4º ano, e duas turmas de 5º anos. Nessas turmas de ensino regular estudam 5 crianças com deficiência, 2 autistas, 1 com paralisia cerebral, 1 com epilepsia e transtorno de conduta, e 1 aluno sem laudo médico.

Com relação ao corpo docente, a escola conta com uma diretora, uma vice diretora, duas coordenadoras pedagógicas e um orientador pedagógico.

Já de professores, são duas professoras regentes nas turmas A,B e C de 1º ano, duas professoras nas turmas A e B do 4º ano, e duas uma professora nas turmas A e B do 5º ano.

A escola conta com projetos como, aula de xadrez, aulas de balé, e capotei, também conta com sala de leitura e sala do AEE, os alunos com deficiência estão inclusos e participam de todas as atividades propostas pela escola, conforme escolha da família.

A pesquisa foi desenvolvida através de entrevistas com a diretora da escola, a professora da sala de recursos, professora da sala de aula do ensino regular e observação da rotina escolar de alunos com deficiência no dia a dia escolar. Os recursos materiais utilizados no desenvolvimento da pesquisa foram gravador de voz, papel e caneta para a entrevista escrita da professora que não aceitou ser gravada.

O método de construção dos dados da pesquisa iniciou-se a partir do contato acordado com a diretora da instituição a partir do Termo de Consentimento de conteúdo explicativo sobre as intenções da pesquisa.

Em seguida foi estabelecido contato com as outras duas participantes da pesquisa, a professora da sala de recursos e a professora do 1º ano, que foi a turma em que eu participei das

aulas por uma semana parar observar como se dá a rotina escolar de uma turma de ensino regular, uma professora do ensino comum, e um aluno com deficiência incluindo na instituição.

Apresentados às pesquisadas os objetivos e a relevância do trabalho, solicitada a assinatura do Termo de Consentimento, sendo os roteiros, feitos em forma de entrevistas.

3 CONCEPÇÕES DA DOCENCIA E GESTÃO ESCOLAR

Durante a pesquisa foram feitas as entrevistas de coleta de dados, com três pessoas que atuam na gestão e corpo docente da escola. Vou chamar essas três pessoas como entrevistadas A B e C.

A entrevistada 'A' é a Diretora da escola, tem 51 anos, atua como diretora nessa instituição a 4 anos, é formada em pedagogia, pós-graduada em Psicopedagogia.

A entrevistada 'B' é professora do ensino fundamental, atualmente leciona em duas turmas do 1º ano, tem 48 anos e é formada em pedagogia.

A entrevistada 'C' é professora do AEE, atua na escola a 3 anos, tem 47 anos, é formada em pedagogia com especialização em educação especial.

Pergunta	Entrevistada A	Entrevistada B	Entrevistada C
Durante a sua formação, você teve contato com a educação inclusiva? Conte situações em que isso ocorreu. Descreva os assuntos que foram tratados em sua formação.	Sim toda a minha formação eu tive esse contato e depois do que eu fiz no magistério, eu fiz a pedagogia e por ter feito pedagogia eu comecei a estudar, a trabalhar, e dentro do meu estágio eu já consegui perceber um monte de alunos especiais e na época que eu fiz pedagogia não existia assim esse acervo de inclusão dentro das escolas. Ainda está muito recente essa questão de o cuidado que a gente tem que ter em relação à educação especial na	Não, na época em que fiz pedagogia eu não estudei sobre inclusão, não existia isso nas escolas em que estudei.	Durante minha formação o que vi sobre educação inclusiva, foi muito superficial. Somente uma disciplina que abordava esse tema. Foi por isso que resolvi fazer uma especialização na área, que acabou abrindo leque para outros cursos que já fiz na área.

escola, como fazer com que a escola perceba isso. Então a gente não era assim tão cobrada, a lei ela não era tão assim voltada a isso. Mas eu tinha essa percepção. Por isso que eu comecei a fazer especialização na área da educação especial.

Podemos observar que, a uma diferença entre a formação das três entrevistadas, enquanto a diretora e a professora da sala do AEE sempre tiveram contato com a educação especial, a professora da sala comum só veio ter essa interação na pratica, já em sala de aula. Mesmo ainda não sendo de forma ideal, a educação especial teve grande desenvolvimento, com isso durante a formação de professores ouve um grande avanço perante esse contato com a educação especial.

Você acredita que é modelo educativo que temos hoje eu para que a inclusão aconteça? Dê exemplos de mudanças que é preciso fazer nesse modelo para que se torne inclusivo.

Bom, eu não sei **preciso** inovar o se a questão é inovar, eu penso que não é inovar, penso que realmente sistematizar fazer com que o que já realmente seja praticado com porque às vezes tem escola que tem vários professores e que não entende do é que educação inclusiva. Mas tem lei

Sim, as salas de aula são superlotadas, e a nossa realidade é que não temos materiais para trabalhar com esses alunos, e nem pessoas qualificadas para nos auxiliar. É muito difícil achar um profissional que queira atuar em uma sala de aula com o

Estamos caminhando para aprimorar essa inclusão de fato, temos formações continuadas, e aprimoramos nossos saberes sempre que possível através várias ferramentas tecnológicas (como o youtube). Mas grande problemática hoje é a quantidade de alunos por sala de aula que excede muito para que o professor

para isso. Então não é	professor regente,	possa dar atenção devida ao
inovar, é realmente se	devido a verba que é	aluno incluso. Precisamos
apropriar do que já tem	disponibilizada para	também de ter a hora
praticado.	esse profissional.	atividade para que os
		professores possam
		realmente ter tempo para
		fazer adaptações e
		confecção de matérias
		concretos para esses alunos.

As opiniões são diferentes quando se fala do modelo de educação especial que temos hoje. Segundo a diretora, sistematizar e colocar em pratica o que já se tem é o que deve ser feito. Já para a professora do ensino comum, a falta de estrutura e de auxilio são questões que precisam ser levantadas e resolvidas nesse contexto atual de educação inclusiva. E segundo a professora do AEE, a superlotação e a falta de tempo para os professores são questões agravantes desse sistema. Fontes diz "Aqueles que defendem a inclusão argumentam que a capacidade da mudança do sistema escolar é limitada e mesmo que uma reestruturação curricular e paradigmática ocorra, a escola regular ainda não seria adequada a todas as crianças, defendendo a permanência das escolas especializadas. Já os que são a favor da inclusão total defendem que a escola é capaz de se reinventar a fim de acomodar todos os sujeitos e suas diferenças" (FONTES, 2009, p.47).

Qual o maior desafio do professor do ensino regular para incluir o aluno com deficiência? Conte como você vivencia esse desafio. O professor ele precisa se apropriar das leis, ele precisa entendê-la, praticar e fazer especialização na área. Porque muitas vezes nós temos professores que tem experiência de sala de aula, mas nunca

A quantidade de alunos que recebemos e a falta de um professor auxiliar, pois sou professora e tenho um aluno autista, e é muito desafiador para mim ter uma sala cheia de crianças de 5 e 6 anos querendo atenção

A
quantidade de
aluno por sala de aula
é muito além do que as
portarias de matricula
determinam, e,
nesse
contexto, temos
muito a questão do
querer desse

praticou ou não tem
experiência pra lidar
com alunos especiais,
ele realmente precisa
de especialização
nessa área, já tive caso
de uma professora aqui
na escola que tinhas
anos de sala de aula,
mas quando recebeu
um aluno com
autismo, ela não como
como adaptá-lo com
restante da turma.

tempo inteiro, e um aluno especial que precisa de um acompanhamento especializado.

profissional também fazer a inclusão.

Para as professoras uma das maiores dificuldades da educação especial, é a falta de preparo de muitos profissionais, a falta de pessoas qualificadas para lidar com essas crianças, pois sim elas necessitam de pessoas qualificadas para que elas tenham um ensino é uma atenção para a sua necessidade. Segundo , Glat (1998) as principais barreiras dessa educação são: o despreparo dos professores do sistema regular para receber esses alunos nas salas de aula, as dificuldades de aprendizagem, a questão da avaliação, a descontinuidade de programas, as mudanças de governo, os baixos salários e as salas de aula sem condições de trabalho.

Qual a maior
dificuldade da
adaptação de
uma criança
com deficiência
em sala de aula do
ensino comum?
Você acha que essa
Você acha que essa dificuldade é sua ou da
-

A falta de um auxiliar ou um estagiário, um profissional qualificado para auxiliar esse aluno, e o tempo do professor regente para trabalhar com o mesmo, devido ser uma quantidade grande de alunos, não dar.

A falta de conhecimento sobre a deficiência desse indivíduo.

Observo que se fica esperando que o atendimento educacional especializado resolva as suas dificuldades. Mas na verdade o

Conte situações nas		professor deve
quais você a enfrentou.		sempre se ver como
		um pesquisador
		e mediador, só
		falta isso.

A falta de apoio em sala de aula, e a falta de conhecimento sobre a deficiência de cada aluno, são a maiores desafios para a adaptação de uma criança em sala de aula do ensino regular.

Que estratégias são usadas para incluir essas crianças? Conte a rotina de cada estratégia utilizada.

A primeira estratégia que a gente faz dentro eu estou falando como gestora Cristo Rei. da Conhecer o CID de cada um e passar informações sobre esse CID para toda a equipe da escola especificadamente o que significa e fazer com que o professor entenda o que é já ele já que apropriou ele já tem experimentações respeito, e o foco maior é quais as atividades que precisam ser

Depende da deficiência do aluno, são várias estratégias. No caso do meu aluno autista, eu utilizo de músicas, brincadeiras com todos para ele se envolver com os outros alunos, atividades adaptadas para necessidade dele, jogos com letras e números para que ele desenvolva seu conhecimento.

Como dito acima, o professor deve ser sempre um pesquisador, buscar metodologias para garantir a inclusão desse aluno, nem sempre acertamos naquilo que especulamos ou planejamos para esse aluno ser incluso. Mas precisamos compreender que a experimentação e a leitura sobre a deficiência especificam desse aluno ajuda muito a compreender quais habilidades e

lançadas, para que	dificu	ıldades	ele tem,
realmente gere uma	e,	depois	desse
inclusão e a	aprop	riar	desses
conscientização	sabero	es e que	
também do alunado.	poder	nos	
Aquele aluno ele é	comp	reender	o que
merecedor daquele	ele	realme	ente
espaço que ele está, o	conse	guira ap	render
espaço comum.	no	que	tange
		às	
	habili	dades	
	espec	íficas pa	ıra a sua
	turma	l.	

Ser um professor pesquisador e buscar cada vez mais conhecimentos, que de acordo com Sadalla (1997), a formação do educador que atua na Educação Especial e Inclusiva precisa ir além da presença de professores em cursos que visem mudar sua ação no processo ensinoaprendizagem, é necessário que essa formação se torne contínua, pois segundo Mantoan (2004) ela chama de auto formação.

São estratégias importantes para se incluir uma criança em sala de aula, brincadeiras, jogos atividades adaptadas são ferramentas usadas para se incluir essas crianças, segundo as professoras. Essas estratégias foram adquiriras pelas professoras de acordo com suas experiências em sala de aula no decorrer de suas carreiras em sala de aula.

Você aprendeu essas estratégias nos cursos de formação ou foram criação sua?	Na verdade, eu aprendi com a minhas experiências em sala	Acho que a experiência nos dá essa sabedoria
	de aula, com convivência, e também com professoras especializadas. Criando essas estratégias de acordo coma realidade da escola, do espaço, e do material disponível.	

Para ambas, a experiência em sala de aula na pratica foi o que mais as ajudou na formação como educadoras da educação especial. Vygotsky (2001) discorre que a postura adotada pelo professor em sala de aula irá determinar ou não a aprendizagem do aluno e o seu desenvolvimento, e que essa postura deva proporcionar o estabelecimento de trocas interativas entre os seus personagens. Ao professor cabe construir formas do aluno adentrar no universo dos saberes sistematizados, encontrando o suporte necessário para a sua participação ativa no contexto sociocultural.

Você precisou	Sim, o espaço	Todas aas
adaptar alguma	da sala de aula se torna	metodologias do AEE
estratégia aprendida? Conte como você fez.	pequeno para adaptar brincadeiras com o grande número de alunos. Diminuir a quantidade de alunos na hora das brincadeiras, e enquanto uns participam outros ficam assistindo, e	metodologias do AEE são adaptadas, faz parte desse espaço.

logo após faz um rodizio para que todos possam brincar e aprendem sem que haja desordem.

Em sala de aula regular, a professora adapta as atividades de acordo com o que é disponibilizado para ela, de acordo com o espaço que tem e com a especificidade do aluno, que são práticas usadas para incluir esse aluno juntamente com as outras crianças, segundo Beyer (2006) ele fala que uma das formas seja buscar através do projeto pedagógico, uma diversidade de classe, com uma prática pedagógica comum a todos e sem preconceitos e não uma categorização dos alunos "com ou sem deficiência". Já na sala de recursos todas essas atividades são adaptadas individualmente para cada aluno e sua especificidade.

Na sua concepção, o acesso à educação básica, hoje para crianças com deficiência se tornou mais fácil? Dê exemplos a partir de sua experiência docente.

Quando tudo começou essa questão de inclusão, não é que se tornou mais fácil. Ela está mais evidente. Hoje devido o a internet a gente tem essa apropriação de conhecimento muito rápido. A uns anos atrás não se via crianças com qualquer tipo deficiência na sala de aula, mas eles estavam lá, você pode ter estudado com um aluno autista, mas você não sabia disso. Então todos sabem o que é a

Esse acesso ainda é um pouco complicado, levando consideração a realidade do ensino público fica muito a desejar. A falta de apoio para o professor regente é algo que dificulta muito o nosso trabalho, dentre outras realidades que ainda não foram sanadas, como questão familiar.

Ela se tornou
mais obrigatória diante
das leis que regem a
inclusão, mas
ainda estamos
caminhando para
garantir de fato que esse
indivíduo
tenha garantido
todos esses seus direitos.

educação inclusiva. Agora praticar ainda nós estamos engatinhando.

Segundo as entrevistadas, a tecnologia da atualidade deu mais visibilidade para essa inclusão, porem esse acesso a sala de aula inda não é fácil por questões estruturais, mas hoje em dia à uma obrigatoriedade e leis que anos atrás não existiam.

Para Fontes, as ideias de Schwartzman e Lieberman esbarram na argumentação de que se a inclusão não for decretada de cima para baixo, através da força da lei, o sistema educacional brasileiro talvez nunca se prepare para receber essas criancas e adolescentes que apresentam algum tipo de deficiência (FONTES, 2009, p. 46).

A maioria desses alunos que ingressam na escola conseguem permanecer e concluir o ensino básico? Conte exemplos das decisões da escola sobre sua permanência, aprovação ou reprovação.

Não todos. Ainda a gente precisa avançar consegue chegar muito mais, a maioria deles acaba no fundamental. não vai para o ensino médio. A família acaba não matriculando por pensar assim "meu filho é especial será que vai conseguir o ensino médio? ", então ainda tem disso, muito conscientização também é da própria família, e no ensino médio eles não tem o apoio que eles têm pelo município, que é o acompanhamento de um estagiário para

A maioria não longe devido realidade da família, a acessibilidade series mais avançadas, e a falta de apoio do governo. Já tivemos alunos aqui que concluíram o 9º ano, mas não chegaram até o ensino médio, aqui a escola vai atrás quando o aluno não está vindo regularmente as aulas, busca dar apoio ao aluno, para que ele se sinta parte desse

Sim conseguem, mas quando saem do fundamental, a maioria não ingressa no ensino médio, pois as famílias percebem que filhos não possuem os acompanhamentos que antes tinham, digo isso no por, ensino fundamental terem mais espaços no município que garantam esses atendimentos específicos do que no ensino estadual.

acompanhar na sala de	ambiente e termine os
aula, aí fica mais difícil	estudos.
ainda. Exemplo disse	
temos um aluno com	
autismo severo que	
concluiu o ensino	
fundamental conosco,	
mas a mãe não matriculou	
no ensino médio.	

Os alunos (a maioria deles), acabam concluindo apenas o ensino fundamental, por questões de acesso e acompanhamento, as políticas governamentais estaduais não oferecem suporte a esses alunos. Uma das questões que levam à exclusão escolar está atrelada a uma maneira de ver e interpretar a deficiência, compreendida também como um produto de uma insensibilidade capitalista. Nessa visão, o indivíduo é importante se for capaz de gerar renda para a sociedade, devolver à mesma "o investimento" dado: saúde, educação, segurança. Nesse sentido " a temática da diferença cumpre uma trajetória com um todo, podendo ser abordada a partir das dimensões políticas, econômicas, sociais ou culturais, entre outras" (SANTIAGO; AKKARI e MARQUES, 2013, p.36).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Incluir e conseguir com que uma criança com deficiência permaneça em sala de aula até as séries finais é algo bastante desafiador para o professor e a gestão de uma instituição de ensino.

É de suma importância que uma pessoa com deficiência frequente uma sala de aula comum para que assim tenha seu desenvolvimento intelectual, social, cultural, político, econômico e humano.

Sabe-se que a inclusão social na escola é um fator que tem como consequência o surgimento de uma sociedade que trata todos como iguais. Contudo, esse momento histórico de luta por direitos iguais, por dignidade humana, por qualidade de vida, revela uma crise, uma ruptura de paradigmas, vividas pela sociedade, na qual uma cultura impede o crescimento da

pessoa com deficiência enquanto cidadão com direitos e deveres iguais a todos, respeitando suas diferenças.

A fundamentação teórica da pesquisa proporcionou uma aproximação com autores e suas posições sobre o assunto tratado, foram essenciais como suporte teórico para a estruturação do estudo. Tendo sido realizado em uma escola pública da educação regular que possui alunos nas séries iniciais do Ensino Fundamental. Esses alunos, que possui deficiência intelectual, são acompanhados apenas pela professora regente de sala de aula, e umas delas foi a participante da pesquisa.

Levando em consideração os resultados da pesquisa realizada com as três colaboradoras (Diretora, Professora do AEE, Professora do Ensino Regular), concluiu-se que a temática sobre acesso e permanência ainda possui uma série de fatores que a prejudicam, como a efetividade das políticas de inclusão, uma vez que disposições legais regulamentam, entretanto, não são colocadas em prática as determinações. Exige-se que os alunos com deficiência sejam incluídos no ensino comum, mas a escassez de recursos materiais, pedagógicos e acessibilidade prejudicam o processo de inclusão.

Desde o início da formação docente, as participantes da pesquisa tiveram contato com a educação inclusiva, e para elas é de suma importância a formação continua principalmente quando se refere a educação especial.

São usados na escola diversos recursos para que o aluno seja incluso e se adapte ao ensino comum. Uma das principais queixas é a falta de auxiliar para com esses alunos que necessitam de um ensino individualizado que justamente com a superlotação dificulta muito o desenvolvimento desses alunos. Porem a escola consegue disponibilizar de outros recursos que auxiliem os professores em sala de aula, como materiais para que sejam desenvolvidas as atividades adaptadas.

Esses recursos são estratégias que auxiliam no acesso desses alunos a uma educação adequada e principalmente a sua permanência no ensino comum. A maioria dos alunos com deficiência que ingressam nessa escola permanecem até concluir o ensino fundamenta, mas a grande maioria delas não concluem o ensino médio, não chegam nem a ser matriculadas.

Passar a pôr em prática a teoria da educação inclusiva, as leis, sistematizar o que a educação inclusiva já conquistou hoje são o que se sugere as entrevistadas, pois, já ouve muitos avanços, muitas mudanças e hoje em dia as pessoas com deficiências tem direito a educação, segundo o artigo 208, que trata da Educação Básica obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos, afirma que é dever do Estado garantir "atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino". Nos artigos 205 e 206, afirma-se, respectivamente, "a Educação como um direito de todos, garantindo o pleno desenvolvimento

da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho" e "a igualdade de condições de acesso e permanência na escola".

O artigo 205 define a educação como um direito de todos, que garante o pleno desenvolvimento da pessoa, o exercício da cidadania e a qualificação para o trabalho. Estabelece a igualdade de condições de acesso e permanência na escola como um princípio. Por fim, garante que é dever do Estado oferecer o Atendimento Educacional Especializado (AEE), preferencialmente na rede regular de ensino.

Quando a escola aplica na prática o que há na teoria, novos conhecimentos e comportamentos passam a ser desenvolvidos no aluno, e assim seus déficits sociais passam a ser ultrapassados e a escola se tornará verdadeiramente inclusiva. É preciso que o professor olhe para o aluno seja ele com autismo ou outra deficiência e a veja como um sujeito capaz de aprender. Todos aprendem, basta que se tenha um olhar reflexivo e consciência daquilo que se quer ensinar. Mas para isso o professor precisa de uma formação voltada para a forma como cada indivíduo com deficiência aprende além de se fazer as seguintes perguntas: como a pessoa com deficiência intelectual se relaciona com a outra pessoa? Será que ela está se sentindo bem na interação com seus colegas e professores? Como estamos nos relacionando com o aluno com deficiência? Paramos para ouvir o que elas têm a dizer? Percebemos, que mesmo os cursos de formação ofereçam disciplinas de Educação Especial, isso não impede que muitos professores se sintam desconfortáveis ao receberem aluno especial na escola, isso porque a formação inicial é o primeiro passo. O professor precisa conhecer e ter a mínima noção a respeito das diferenças, e assumir seu papel de mediador do conhecimento de todos os educandos, com vistas a contribuir com uma escola inclusiva e com uma sociedade mais inclusiva.

Existem inúmeras formas de se trabalhar com alunos com deficiência e com isso alguns métodos são utilizados para uma melhor inclusão desses alunos, mas não existe uma receita pronta, é preciso investir no acolhimento e na mediação da aprendizagem. Todas as estratégias são fundamentais para que o aluno cresça cognitivamente e socialmente, além de elevar o bemestar psicológico da criança e da família.

REFERÊNCIAS

BEYER, Hugo O. Da integração escolar à educação inclusiva: implicações pedagógicas. In: BAPTISTA, C. R. (Org.). **Inclusão e escolarização**: múltiplas perspectivas. Porto Alegre: Mediação, 2006.

BORGES, Monna Michelle Faleiros da Cunha; DISCHINGER, Marta; ELY, Vera Helena BUSWELL, Barbara E. et al. Dez elementos críticos para a criação de comunidade de ensino inclusivo e eficaz. In: STAINBACK, William; STAINBACK, Susan.(Org.) **Inclusão**: um guia para educadores. Trad. Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 1999.

BRASIL. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. **Direito à educação:** subsídios para a gestão dos sistemas educacionais. Orientações gerais e marcos legais. Brasília: 2004. 353 p.

BUENO, J.G.S. A inclusão de alunos deficientes nas classes comuns do ensino regular. **Temas sobre o Desenvolvimento.** São Paulo: vol.9, n.8, 2001, p. 27.

CARNEIRO, Moaci Alves. O acesso de alunos com deficiência às escolas e classes comuns:

possibilidades e limitações. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva:** a reorganização do trabalho pedagógico. Porto Alegre: Mediação, 2008.

CARVALHO. Rosita Edler. **Removendo barreiras para a aprendizagem:** educação inclusiva. Porto Alegre: Mediação, 2007.

DECHICHI, Claúdia. **Educação especial e inclusão educacional:** formação profissional e experiências em diferentes contextos. DECHICHI, Claúdia; SILVA, Lázara Cristina; FERREIRA, Juliane Madureira (Org.). Uberlândia: EDUFU, 2011.

FERNANDES. Sueli. Fundamentos para educação especial. Curitiba: Ibpex, 2007.

FONTES, Rejane de Souza. **Ensino Colaborativo:** uma proposta de educação inclusiva. Araraquara: Junqueira & Marin, 2009.

GLAT, Rosana. Inclusão total: mais uma utopia? Integração, Brasília, v. 8, n. 20, 1998.

GUERBERT, Mirian Célia Castellain. **Inclusão:** uma realidade em discussão 3.ed.rev.,atual.e ampl.-. Curitiba: Ibpex, 2010. (Série Inclusão Escolar).

JESUS, Denise Meirelles Atuando em contexto: o processo de avaliação numa perspectiva inclusiva. **Psicologia e Sociedade**, São Paulo, v. 16, n.01, p. 37-49, 2004.

LIMA, C. de P. A **inclusão escolar:** o discurso e a realidade. Universidade Candido Mendes, Pós-Graduação Latu Senso, Projeto A Voz do Mestre, Rio de Janeiro, 2010.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. Caminhos pedagógicos da Educação Inclusiva. MENEGHETTI, Rosa G. Krob (Orgs). **Caminhos pedagógicos da Educação Especial.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

MENEGHETTI, Rosa, (Org.). Caminhos pedagógicos da educação especial. Petrópolis: Vozes, 2004.

MAZZOTTA, **Marcos José Silveira. Educação Especial no Brasil**: História e políticas públicas. 5ª ed., São Paulo, SP: Cortez, 2005.

PADILHA, Paulo Roberto. **Planejamento dialógico.** Como construir o projeto políticopedagógico da escola. São Paulo: Cortez-Instituto Paulo Freire, 2005.

RODRIGUES, David. A **Inclusão como Direito Humano Emergente**. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DIREITOS HUMANOS E ESCOLA INCLUSIVA: CONSTRUINDO BOAS PRÁTICAS. Coord. e Org.: Maria Leonor Borges, Cláudia Luísa, Maria Helena Martins EDIÇÃO: Universidade do Algarve, 2012.

SADALLA, Ana Maria. **Com a palavra a professora:** suas crenças, suas ações. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Estadual de Campinas, 1997. Não publicada.

SANTIAGO, Mylene Cristina; AKKARI, Abdeljalil; MARQUES, Luciana Pacheco. **Educação Intercultural:** desafios e possibilidades. Petrópolis: Vozes, 2013.

TANNÚS-VALADAO, G.; MENDES, E. G. Inclusão escolar e o planejamento educacional individualizado: estudo comparativo sobre práticas de planejamento em diferentes países, **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 23, 2018.

STRIEDER, Roque; MENDES, Rosângela; ZIMMERMANN, Rose Laura Gross. **Nas dobras e endobras da educação inclusiva:** da igualdade para convivência com os diferentes. Joaçaba: Editora Unoesc, 2013.

SZYMANSKI, Heloisa. **A relação família e escola:** desafios e perspectivas. Brasília: Liber, 2010.

VIGOTSKY, Lev. Psicologia Pedagógica. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

APÊNDICES

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA O CORPO DOCENTE

	1.	Durante	a sua for	rmação,	você	teve c	contato	com	a e	ducação	inclus	iva?	Conte
situaç	ões em	que isso	ocorreu.	Descre	va os	assun	tos que	forar	n t	ratados e	em su	a for	mação
(distin	ıguir aqı	ui gradua	ção e forn	nação er	n serv	iço ou	cursos	comp	olen	nentares))		

- 2. Você acredita que é preciso inovar o modelo educativo que temos hoje para que a inclusão aconteça? Dê exemplos de mudanças que é preciso fazer nesse modelo para que se torne inclusivo.
- 3. Qual o maior desafio do professor do ensino regular para incluir o aluno com deficiência? Conte como você vivencia esse desafio.
- 4. Qual a maior dificuldade da adaptação de uma criança com deficiência em sala de aula do ensino comum? Você acha que essa dificuldade é sua ou da criança? Conte situações nas quais você a enfrentou.
- 5. Que estratégias são usadas para incluir essas crianças? Conte a rotina de cada estratégia utilizada.
 - 6. Você aprendeu essas estratégias nos cursos de formação ou foram criação sua?
 - 7. Você precisou adaptar alguma estratégia aprendida? Conte como você fez.

- 8. Na sua concepção, o acesso à educação básica, hoje para crianças com deficiência se tornou mais fácil? Dê exemplos a partir de sua experiência docente.
- 9. A maioria desses alunos que ingressam na escola conseguem permanecer e concluir o ensino básico? Conte exemplos das decisões da escola sobre sua permanência, aprovação ou reprovação.

ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA A GESTÃO

- 1. Durante a sua formação, você teve contato com a educação inclusiva? Conte situações em que isso ocorreu. Descreva os assuntos que foram tratados em sua formação (distinguir aqui graduação e formação em serviço ou cursos complementares)
- 2. Você acredita que é preciso inovar o modelo educativo que temos hoje para que a inclusão aconteça? Dê exemplos de mudanças que é preciso fazer nesse modelo para que se torne inclusivo.
- 3. Qual o maior desafio do professor do ensino regular para incluir o aluno com deficiência? Conte como você vivencia esse desafio.
- 4. Que estratégias são usadas para incluir essas crianças? Conte a rotina de cada estratégia utilizada.
- 5. Na sua concepção, o acesso à educação básica, hoje para crianças com deficiência se tornou mais fácil? Dê exemplos a partir de sua experiência docente.
- 6. A maioria desses alunos que ingressam na escola conseguem permanecer e concluir o ensino básico? Conte exemplos das decisões da escola sobre sua permanência, aprovação ou reprovação.



ANEXO I – DECLARAÇÃO DE ENTREGA DA VERSÃO FINAL DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Eu, Hildete Pereira dos Anjos, orientadora, declaro, para os devidos fins e sob minha responsabilidade, que a versão do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado ACESSO E PERMANÊNCIA DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA NA ESCOLA, de autoria da acadêmica BÁRBARA MARTINS OLIVEIRA, matrícula n.º 201840207037, entregue em cópia digital anexa a este documento, corresponde à versão final do respectivo TCC.

Outrossim, declaro que foram devidamente observadas as modificações solicitadas pela Banca Examinadora no ato da defesa.

Marabá-PA, 14 de julho de 2022.

Assinatura do(a) Orientador(a)

Assimatuma da (da) Dissanta

Assinatura do(da) Discente